

## **João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004**

### **Juventude e o Uso Intensivo de Droga de na Atualidade\***

Maria do Socorro de Souza Vieira\*\*

O texto ora apresentado trata do período inicial do uso intensivo de droga, por indivíduos que se tornaram dependentes. Embora o fascínio pela substância permaneça por todo percurso do uso, esta é, sem dúvida, a fase de prevalência do encantamento. O estudo é fruto de uma pesquisa realizada em dois serviços de recuperação: o Programa de Atendimento a Dependentes Químicos - PAIAD, em João Pessoa, e o Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências - RAID, em Recife.

Através de relatos dos entrevistados, a análise centra-se nas exigências impostas aos jovens por seus contextos sociais que facilitaram os primeiros passos na incursão da dependência. Procura, assim, analisar como o estilo de vida, fundado nos ideais competitivos da contemporaneidade e na exposição aos riscos e às incertezas, favorece à emergência dessa forma de uso de droga, específica da modernidade.

No estudo, a noção de encantamento refere-se aos imperativos socioculturais que motivam a recorrência do sujeito ao consumo intensificado da droga. Este encantamento pode ocorrer em momento bem posterior à fase preliminar de consumo das substâncias. Entre os dezoito sujeitos da pesquisa, pelo menos cinco só intensificaram o uso do álcool após os trinta anos; um outro entrevistado iniciou o consumo de cocaína já de forma regular e excessiva aos 35 anos. Contudo, para muitos indivíduos que se tornam dependentes, o fascínio pelas substâncias psicoativas começa desde a adolescência. Os outros doze participantes dessa pesquisa ingressaram na toxicomania ainda nos primeiros anos da juventude.

Nessa fase inicial do consumo, e em momentos posteriores, a relação de encantamento do sujeito com a droga deve-se ao fato de a substância auxiliá-lo na perseguição de sucesso, de destaque e de outros referenciais que lhe conferem valorização e status de competência na vida. Mas, nesta sociedade do espetáculo e de cultura narcisista, onde só há lugar para o vencedor, a droga é fascinante também por aliviar as angústias das perdas, dos fracassos e das tensões decorrentes do enfrentamento aos riscos e da perseguição àqueles referenciais.

É certo que a emergência da toxicomania envolve uma combinação de fatores orgânicos, farmacológicos, psicológicos e socioculturais, que interagem num conjunto complexo de motivações para o uso intensificado das substâncias. Esta combinação inclui também as histórias particulares de construção da subjetividade dos sujeitos. Cada um daqueles fatores envolve ainda outra diversidade de variáveis que se interconectam, positiva ou negativamente, na composição do fenômeno. Mas, sem dúvida, os imperativos de ordem externa, próprios dos contextos sociais dos indivíduos, apresentam-se como aspectos fundamentais na configuração da dependência de droga, hoje, como sintoma social. Entre estes imperativos, o texto centra-se nos ideais competitivos, nos riscos e nas incertezas da atualidade, cuja pressão sobre os indivíduos favorece a emergência da modalidade de uso de droga identificada como dependência.

É verdade que nem todos os indivíduos fortemente submetidos aos imperativos da nova ordem, convivendo no mesmo espaço sociocultural, iniciam ou dão continuidade ao uso intensificado de droga. Devido aos fatores acima referidos, outros fenômenos podem ocorrer, outros mecanismos de defesa, outras desordens emocionais, outras compulsões. Da mesma forma, o surgimento e a duração do fascínio pela substância variam entre os indivíduos. Alguns começam mais tarde, mas, em poucos anos, se desencantam e tentam parar. Outros permanecem fascinados por toda vida ou durante anos de uso. Na verdade, o que irá distinguir o encanto do desencanto são os resultados que os indivíduos podem obter, em termos de satisfação ou insatisfação às suas expectativas na vida. De qualquer forma, o encanto é a condição necessária para que o sujeito permaneça recorrendo ao uso da droga. Na fase inicial, é justamente essa necessidade de recorrência ao uso que poderá incidir na dependência. Uma vez estabelecido esse vínculo com a substância, dificilmente ele será cortado, a menos que ocorra a substituição da droga por outro elemento, igualmente eficaz na mediação da relação do indivíduo com o mundo. Em geral, os tratamentos tentam oferecer essa alternativa, sejam eles terapêuticos, clínicos, leigos ou religiosos.

Assim, nos relatos dos entrevistados, observou-se que o estado de euforia e o fascínio desses sujeitos pelas substâncias não emergem, exclusivamente, do prazer produzido pelo efeito químico da droga no cérebro. Afloram, sobretudo, devido ao bem-estar que os atores sociais experimentam ao enfrentar dificuldades ou vivenciar situações agradáveis, auxiliados pelas substâncias. Nesse sentido, o consumo intensificado da droga atende ao que Birman (1999) chama de necessidade de "evitamento do sofrimento psíquico", causado pelo desamparo social, fruto do mal-estar da atualidade.

Nas histórias dos sujeitos da pesquisa, o impacto da contemporaneidade direcionando suas trajetórias de consumo de droga aparece, para a maioria deles, desde a adolescência, ainda na fase de preparação para sua entrada ativa na vida social. Alguns relatos trazem com evidência a força dos imperativos externos, inerentes ao contexto dos indivíduos, sobre sua interioridade. A droga surge, nesse momento, como elemento mediador da relação do sujeito com o mundo, auxiliando-o em sua tentativa de responder às suas próprias expectativas e às dos outros, com relação ao seu comportamento e ao seu desempenho. A intensidade da recorrência ao uso, a procura de novas substâncias, a exposição ao risco, de certa forma, evidenciam a pressão daqueles imperativos sobre os atores sociais e a necessidade desses sujeitos de alívio para seu sofrimento emocional.

Ainda na adolescência, mesmo antes da entrada efetiva para o mundo do trabalho, o jovem já está fortemente exposto a uma carga de pressão e de ansiedade próprias da atual lógica competitiva, que o lança à busca de estratégias de defesa do sofrimento psíquico, decorrente do desamparo social. A diversão, o consumo intensificado de droga e o afrontamento ao risco, que essa forma de uso representa, emergem para muitos jovens como uma dessas estratégias. Tais mecanismos de defesa são acionados pelos adolescentes de maneira semelhante às estratégias adotadas pelos trabalhadores para alívio do sofrimento mental no trabalho (DEJOURS 1992, 1999).

Logo cedo, os indivíduos - uns mais, outros menos - já são "treinados" pelas instâncias de educação, pela família, pela escola e por outros espaços de socialização, para acompanharem o ritmo do desenvolvimento estabelecido pela sociedade. Sobressair-se frente aos demais, passar à diante do outro é a regra básica e "natural" da corrida, que já inicia entre os mais próximos, incluindo os familiares. Pois, de acordo com a lógica que, na atualidade, ordena nossa organização social, o principal meio de estímulo para o desempenho ilimitado que promove o desenvolvimento é o incentivo à busca da auto-exaltação e da evidência pelo acirramento da competição entre os atores sociais. Mas, tais exigências a que, desde muito cedo, o jovem procura responder, constituíam fortes componentes do estado de ansiedade, cujo sofrimento emocional a droga é solicitada a aplacar.

A competência e a superioridade tornam-se o alvo da perseguição de alguns jovens da pesquisa, marcando toda sua trajetória de consumo de droga. Através do uso das substâncias e de outros mecanismos de fuga da realidade, tais como a diversão e a exposição ao risco, eles também tentam esconder de si e dos outros que não possuem aqueles requisitos, numa luta que, como chegam a perceber, os arrasta para a autodestruição. Conforme Le Breton (2000), essa busca do jovem de afrontamento ao risco de diversas formas, inclusive pela toxicomania, é uma expressão de sua necessidade de demonstrar capacidade na vida e de encontrar sentido de existir. Mas, essa procura também é sintomática de uma insegurança e de um desamparo social que afetam o jovem, na atualidade, ainda nos seus primeiros passos para a entrada na vida adulta. O ritmo das mudanças, as incoerências dos valores e as demais contradições da atual lógica competitiva tornam os familiares e outros interlocutores sociais incapazes de oferecer o apoio de que o adolescente necessita nesse período crítico de transição. Sua condição de abandono intensifica-se. Os amigos, a turma, que vive os mesmos dramas da falta de preparação e de apoio à juventude, tornam-se as principais referências de autoafirmação do jovem e mediadores de sua procura de amparo emocional.

Nas sociedades modernas ocidentais, assim como em várias outras culturas, é nos ritos de passagem da adolescência que, em geral, o indivíduo tem seus primeiros contatos com a droga. A adolescência, em seu aspecto sociocultural, caracteriza-se enquanto momento de passagem, de rompimento com a vida infantil. Como fala Le Breton (2000), a adolescência é o período de abertura aos outros e ao mundo, de exploração do meio, de procura de possibilidades, de "uma busca íntima e intensa de sentido e de valor". É o momento em que deveria se realizar a simbolização do fato de existir, do gosto de viver com a entrada ativa na sociedade.

Contudo, se nessa fase importante da vida, o adolescente mergulha sozinho no mundo de confusões e incertezas, se ele não encontra nas estruturas sociais e culturais que a cercam interlocutores e apoio adequado para ultrapassar tal período, a fase natural de crise estende-se. Hoje, como lembra Le Breton (op. cit.), ela vem se transformando em crise da juventude. Os sentimentos de confiança e de segurança, que deveriam emergir dessa passagem, dão lugar à confusão, à indeterminação. O jovem fica interiormente impossibilitado de orientar-se frente às escolhas que poderiam cristalizar, sem equívoco, o sentimento de "identidade". "A entrada na vida parece então semeada de armadilhas" (LE BRETON, op. cit. p. 95).

Assim, desde os primeiros contatos com a droga, pode iniciar-se o fascínio do jovem pelas substâncias psicoativas que auxiliam na alteração do estado mental. A partir desse período de entrada ativa na vida social, o indivíduo exposto, desde a infância, ao desamparo pode encontrar, no uso intensificado de drogas, um poderoso suporte para tomar suas decisões, enfrentar seus medos, suas dificuldades.

A substância é, então, convocada a aplacar o sofrimento psíquico do sujeito, resultante de sua procura obstinada por admiração e por destaque, requisitos de felicidade, exigidos por essa sociedade narcisista. Essa busca exaustiva e inatingível afeta a interioridade do indivíduo, apresentando-se como um sintoma do desamparo social (LASCH 1983, BIRMAN, 1999). Ela cria e aprofunda a dor emocional devido à incapacidade do sujeito de lidar com a não efetivação do desejo, bem como com a angústia que aflora de sua impossibilidade de atender as suas expectativas e as dos outros com relação ao seu desempenho.

Na verdade, no estilo de vida de consumo de drogas, o jovem vive as mesmas tensões e a mesmas pressões competitivas para atingir o inatingível e a mesma busca de competência e de exaltação do eu. Mas, pela via do consumo de droga, a sensação de superioridade é mais facilmente atingida, e o sofrimento, decorrente do sentimento de fracasso, é também rapidamente anestesiado.

Esse outro trajeto, pelo consumo intensificado da droga, também produz e reforça os ideais competitivos e torna-se fascinante para indivíduos expostos à forte carga de pressão social, por facilitar sua relação com o mundo, fornecendo-lhes a

sensação de vencedor. Para alguns sujeitos de determinadas profissões, durante certo período do consumo, a droga pode até facilitar seu sucesso profissional. Contudo, à medida que avança a dependência, o indivíduo depara-se com fracassos e frustrações, distanciando-se das possibilidades da "vitória". Constitui-se, assim, o círculo da dependência: a angústia do insucesso e o desalento das perdas aprofundam sua condição de desamparo e intensificam sua busca de alívio do sofrimento emocional, através da recorrência ao consumo da droga.

Na realidade, a expectativa em relação ao desempenho considerado adequado aos jovens, à sua capacidade de ser bom nos estudos, de seguir uma carreira profissional, deveria servir de motivação saudável e de estímulo à aspiração. Contudo, na atualidade, essa expectativa funciona, em geral, como instrumento de pressão, causador de medo, de retraimento, de ansiedade. Espera-se da criança ou do jovem, que ele seja o melhor, que se destaque entre os demais. Quase sempre, cria-se uma comparação e uma competição tácita ou explícita com colegas, amigos e familiares.

Na impossibilidade de atender às suas próprias expectativas, absorvidas da sociedade e de sua família, alguns jovens encontram no uso de droga, no tráfico e em outras contravenções os desafios que precisava para testar sua capacidade de vencer. Através do afrontamento ao risco, a ansiedade, o sentimento de fracasso e o desânimo que se afiguram em sua trajetória são, temporariamente, substituídos pela euforia da exaltação do eu e por outras formas de busca de autovalorização.

Sem dúvida, a atração pelo risco e o consumo intensivo de droga pelos jovens podem ser sintomáticos do desamparo social e de um vazio interior que o indivíduo tenta preencher e ocultar. O traço narcisista desse comportamento evidencia o desespero do sujeito em dar respostas além de suas possibilidades às exigências de seu contexto social. Conforme Lasch (1983), o narcisismo apresenta-se como a melhor forma de lutar com as tensões e ansiedades da vida moderna. Em vista disso, "*as condições sociais predominantes tendem a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus, em todos nós*" (p. 76).

Essas condições sociais transformam os diversos espaços de socialização dos indivíduos, sobretudo a família, que tem por tarefa modelar a estrutura subjacente da personalidade. Lasch (op. cit.) lembra que uma sociedade temerosa quanto ao futuro, provavelmente, dará pouca atenção à próxima geração.

A tentativa dos pais modernos de fazer com que os filhos se sintam amados e desejados, não disfarça uma frieza subjacente – o distanciamento dos que pouco têm a passar à geração seguinte e que, de qualquer modo, dão prioridade ao seu próprio direito de auto-afirmação. A combinação do distanciamento emocional com as tentativas de convencer uma criança de sua posição de predileção na família, é uma boa prescrição para a estrutura de uma personalidade narcisista (LASCH, p. 76–77).

Na atualidade, a violência, o roubo, a toxicomania e outras situações de riscos apresentam-se como alternativas de vida para muitos jovens das camadas mais pobres da população. Mas, estas formas de exposição ao perigo são, hoje, um comportamento observado nos jovens das diversas classes sociais. Através das drogas e do afrontamento ao risco, eles buscam sua auto-afirmação. Tentam demonstrar a si e aos outros sua capacidade de vencer obstáculos, de serem competentes na vida.

Em seu estudo sobre o risco, Le Breton (2000) observa que não só os esportes de emoção e a toxicomania, mas também a delinquência, hoje, de jovens das várias camadas sociais, pode estar associada ao afrontamento de limites. Neste caso, ela produz a exaltação da vida perigosa, parecendo satisfazer mais a procura de riscos inerentes à transgressão do que simplesmente à aquisição rápida de proventos materiais. Esta forma de afrontamento ao risco insere-se numa lógica do desafio e da provocação à sociedade adulta.

Para Le Breton (op. cit.), uma sociedade que não garante ao jovem nem sentido nem valor de sua existência, que não mais lhe assegura um futuro, a exigência antropológica da passagem da adolescência para a juventude irrompe-se

de forma solitária e confusa. O jovem atira-se ao risco, testando também seu gosto de viver. A busca do risco assume, assim, o significado de um rito de passagem. Ela converte-se numa maneira do jovem testar a sua força pessoal, de reassegurar sua legitimidade de existir e se impõe mais fortemente àqueles que se sentem inseguros, incertos sobre como conduzir suas vidas. Exemplificando o comportamento perigoso de jovens nesse afrontamento ao risco, o autor comenta uma matéria do periódico *Libération*, de 20 de janeiro de 1988, sobre os jovens da periferia do Rio de Janeiro, "os surfistas". Estes jovens viajam nos tetos dos trens em velocidade de 70 km por hora, fazendo malabarismos, equilibrando-se de maneira perigosa, pondo em risco suas vidas.

Assim, também para os jovens das camadas mais pobres, a busca do risco, hoje, através da droga, do roubo, do tráfico e da violência, além das necessidades econômicas, pode satisfazer a necessidade de euforia, de êxtase, de ultrapassagem de limites. Numa pesquisa, realizada por Quintino (1998), na periferia de São Paulo, os jovens falam das sensações vivenciadas no comportamento de transgressão. Eles referem-se ao barato que experimentam nas práticas de roubo, de "*sentir a adrenalina do perigo*", "*de botar pânico*". Enaltecem também o gosto pela atividade, mais que um vício, a descoberta de um caminho.

A prática do roubo e do tráfico insere, também, estes jovens pobres em outros planos que credenciam sua sobrevivência na contemporaneidade. Eles passam a pertencer a uma organização, mesmo que seja a do crime, da contravenção. Eles se incluem em algo nesse mundo de exclusão. Adquirem uma função, uma possibilidade de demonstrar para si e para os outros, do seu contexto, sua competência na vida. Por meio das práticas do roubo, estes jovens podem traçar uma trajetória. Dão início a uma carreira, embora curta.

Nessa procura de inserção numa ordem, pela desordem, a aquisição de produtos de consumo e de marca, através do roubo, pelos jovens pobres da periferia, pode também evidenciar a tentativa de esconder seu estigma, como fazem os jovens da pesquisa de Quintino (op. cit.). Sem dúvida, na sociedade do espetáculo e do consumo, os indivíduos adquirem status, valor e prestígio pela carreira profissional e também pelo brilho, pela aparência, maquiada pelos bens materiais, lançados no mercado. As modas, as grifes, o consumo de bens materiais e de serviços enaltecem e põem em evidência o indivíduo.

Naturalmente, a cultura narcisista permeia todo o tecido social, inclusive os estratos mais pobres. Seus princípios são transmitidos por todas as formas de socialização dos indivíduos, veiculados pela publicidade e pelos meios de comunicação. Assim, uma sociedade em que o individualismo e a competição desvirtuam os princípios de responsabilidade e de lealdade, a burla, a contravenção, a corrupção nas diversas formas ganham status de esperteza e são tão atrativos quanto os demais riscos.

Nessa sociedade, as leis, as normas da proibição vão perdendo seu conteúdo moral, e aparecendo como regras que arbitram o jogo em favor dos poderosos. No cenário do espetacular, os personagens que comandam os impérios das organizações produtivas, financeiras, políticas e criminosas contracenam entre si, exaltando a performance dos bem-sucedidos. Como aponta Castells (1999), a cultura do crime organizado, envolvendo as redes do narcotráfico, difunde-se hoje entre os jovens, sobretudo entre aqueles imersos no mundo de pobreza e exclusão, com o fascínio da chance de "*gozar dos prazeres do consumo e viver aventuras*".

## Referências Bibliográficas

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade:** psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio**. 2ª. ed. Trad. Klauss Brandini Gerhandt e Roneide Venancio Majer. (A era da informação, economia, sociedade e cultura, v. 3). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEJOURS, Chistophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 5ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. **Passions du risque**. Paris: Éditions Métailié, 2000.

QUINTINO, E. S. G. **Os jovens, a metrópole e um futuro incerto**. 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC. São Paulo.

\*

Texto apresentado na Mesa Redonda "Juventude Experiência Urbana e Cultura", promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB, em maio de 2003..

\*\*

Professora do Departamento de Serviço Social da UFPB.  
Pesquisa realizada em 2001-2002, durante o Curso de doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP.